

discurso 90 anos EVANDRO
(27.02.02)

No Prefácio ao O salão dos passos perdidos¹, FÁBIO KONDER COMPARATO relata ter tido a ventura e a honra de acompanhar o Ministro EVANDRO, perante o Senado e o Supremo Tribunal Federal, no desempenho do “mandato popular invisível” por ele exercido no resgate, em memorável processo, da dignidade do povo brasileiro, duramente ofendida pelo comportamento indecoroso de um chefe de Estado.

Lembro-me bem --- como poderia esquecê-lo? --- há alguns anos, era uma Conferência da OAB, tive a ventura e a honra de jantar com o Ministro EVANDRO. Era uma mesa pequena, jantamos os dois. O Ministro, sabendo que eu vinha de São Paulo, falou-me de FÁBIO, seu sobrinho. Disse-lhe sermos amigos e nossa conversa por aí foi, o tio referindo-se ao sobrinho com enorme afeto e admiração; não apenas ao jurista, mas também ao pianista. “Você sabe que ele é também um grande pianista?”, perguntava-me o Ministro.

¹ EVANDRO LINS E SILVA, 3ª impressão, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1.997.

Telefonei ao FÁBIO para contar-lhe da ventura e honra de que desfrutaria [e de que, de fato, ora estou a desfrutar] ao saudar o Ministro EVANDRO. FÁBIO não me autorizou a tanto, mas, como o quero como ao irmão que nunca tive por obra da natureza, debruço-me sobre esse sentimento de querer bem e desde aí encontro legitimidade afetiva para afirmar ao nosso Ministro EVANDRO que aqui estou a dirigir-me a ele também com afeto de sobrinho --- irmão de FÁBIO, sobrinho de EVANDRO.

Que ventura, que honra.

Um discurso de saudação a um Amigo é um presente.

Mais do que dotado de beleza estética, em frases plenas de brilho --- e, fosse assim, não seria eu o indicado a compô-lo --- mais do que dotado de beleza estética, dizia, um discurso como tal há de ser persuasivo, de modo a transmitir ao Amigo o sentimento de admiração e afeto a ele dedicado.

Que ventura, que honra saudar este Amigo.

Um Amigo especial, nobre, rico, generoso.

Um Amigo nobre d'alma, de sentimentos e de conduta. E mais nobre ainda porque, embora nobre, deseja ser chamado apenas cidadão.

Assim o descreveu FÁBIO²: um socialista que defende intransigentemente os direitos individuais, a ponto de se proclamar com bonomia "um alquimista da liberdade", que forceja utopicamente por encontrar um dia "um pó, um elixir, uma pedra filosofal, capaz de manter a liberdade de toda a gente"³.

Não desejo, neste discurso, referir-me a efemérides, episódios ou eventos da vida do homem, mas sim falar de ser humano cuja vida inteira se poderia sintetizar em cinco palavras: um olhar para o futuro⁴.

Nesse olhar para a frente, a esperança que nutre os sonhos deste homem vigorosamente humano [pois há muitos que não o são!].

² O salão..., cit., pág. 11.

³ O salão..., cit., pág. 200.

⁴ O salão..., cit., pág. 89.

“Acho que o socialismo não acabou --- diz ele⁵. O tempo mostrará como é ilusória a euforia neoliberal que anda por aí. O socialismo democrático ainda é a solução para a humanidade. É a minha utopia...”.

É nobre, rico e generoso o Amigo de quem falo.

Generoso, extremamente generoso com quem, em plena ditadura, pretendeu incriminá-lo como cúmplice de seus clientes perante o Tribunal de Segurança Nacional: “Não era má pessoa, estava influenciado pelo ambiente repressivo da época”...⁶.

Generoso, sempre generoso, mesmo com aqueles --- como o tal que ficou com o quinto volume da coleção⁷ --- mesmo com aqueles, dizia, que muitos, como eu, impiedosamente julgariam não merecer nonada alguma de generosidade,

São do Amigo de quem falo as seguintes palavras:

“Está dentro de mim, nas minhas entranhas, o sentido da compreensão dos erros alheios, a capacidade de perdoar,

⁵ O salão..., cit., pág. 438.

⁶ O salão..., cit., pág. 165.

⁷ Arca de guardados, Civilização Brasileira, Rio, de Janeiro, 1.995, pág. 132.

de compreender, de entender, de ajudar aquele que sofre um infortúnio, que está num momento de desgraça, de aflição, de angústia, de padecimento. Acho que esse foi o norte, o caminho, o rumo de minha vida”⁸.

Isso, senhores, isso é que é ser rico e generoso.

O Ministro EVANDRO: um modo ativo de andar, mas não soberbo, porque ergüido sobre alicerces de solidariedade. É desde esta altitude que se pode distribuir afetos, socialmente.

É como se o tivéssemos sempre ao alcance da mão, quando imaginamos o homem parceiro do homem.

O modo saboroso de contar histórias e estórias, escandindo as palavras, como se as manipulasse, qual o escultor talha na pedra. E um modo muito peculiar, de orgulho incontido, de falar das pessoas das quais é mais próximo.

⁸ O salão..., cit., pág. 219.

Uma força vigorosa ao condenar a covardia e a monstruosidade das prisões. “A minha utopia maior, da vida inteira, tem sido a abolição das prisões como método penal”⁹

Autoridade suficiente para denunciar a estirpe dos torpes delinqüentes enrustidos que, impunemente, sentam à nossa mesa, como se fossem homens de bem:

“Na realidade, quem está desejando punir demais, no fundo, no fundo, está querendo fazer o mal, se equipara um pouco ao próprio delinqüente”¹⁰.

Disposição para mudar o mundo, mobilizar forças em busca da paz, mas da paz que pressupõe a inclusão social, a redistribuição da renda também no plano internacional, o fortalecimento do Estado Democrático.

Vi, no inverno europeu de há dois meses, uma máquina tirando a neve da estrada por onde passávamos, meu neto bávaro, o pai de meu neto e eu. Perguntei em silêncio ao meu neto: “quem vai

⁹ Arca de guardados, cit., pág. 74.

¹⁰ O salão..., cit., pág. 215.

tirar a neve da estrada se os neoliberais vencerem e nada mais restar senão apenas o Estado-Javert?”.

Senti vontade de contar ao meu neto que, desgraçadamente, aqui onde nasceu seu avô há meninos de rua, pobres meninos de rua...

Mas permaneci em silêncio --- por que haveria de contar histórias tristes ao meu neto?

Um dia ele saberá, contudo, que antes da geração de seu avô houve uma geração de bravos lutadores das liberdades e da igualdade. E saberá que aqui estivemos reunidos, nesta noite, para celebrar o Ministro EVANDRO, pois este é momento de imensa ventura e honra para o avô.

Há anos, trinta anos, o cinema francês produziu um filme que encantou, terrivelmente, a minha geração, “Trinta anos esta noite”. Um filme extremamente tocante, triste, tenebroso, desesperançado.

Sobrevivemos ao desespero. Os de ponta de minha geração marcaram seu tempo em lutas memoráveis, assumindo posturas

corajosas, ora como réus em processos políticos --- ou meramente prisioneiros, inoficiosamente --- ora como advogados desses réus. De um modo ou de outro resistimos à ditadura, nutrimos sonhos, desde os mais ousados até os comedidamente limitados à defesa do Estado-de-direito.

Agora, apoiados sobre um passado tecido com as tramas e entre os tramos do compromisso com a liberdade e com a igualdade, sentimo-nos legitimados a saudá-lo, o Ministro EVANDRO, olhos nos olhos, de igual para igual.

Pergunto-me, contudo, se assim efetivamente é, se há, em nós, legitimidade tanta para tanto.

O que fizemos nos trinta anos que se seguiram àqueles primeiros trinta anos, trinta anos que agora me apartam do Ministro EVANDRO? Mais precisamente: apenas para exemplificar, o que fizemos há muito pouco tempo, pouco tempo mesmo, quando o desvario do neoliberalismo tupiniquim chegou ao extremo da “flexibilização” --- entre aspas --- da CLT?

Perdemos o senso, não por ouvir estrelas, como conviria, mas porque tudo quanto prezávamos em termos de brasilidade perdeu-se nos redemoinhos da globalização. Somos, paradoxalmente, um povo dirigido por um chefe de Estado multiplamente doutor, por várias Universidades estrangeiras, mas carente ainda de cursos de alfabetização e das garantias que a doutrina social da Igreja proclamava ao final do século XIX, doutrina que não expressava senão a recuperação do ideário formulado na patrística mais antiga.

O que havia sido conquistado em termos de modernização capitalista vai sendo perdido. Caminhamos para trás, literalmente.

E calamos diante de tanto opróbrio, como se tudo isso de lambar os sapatos do capital estrangeiro e tirar o pó dos pobres das fatiotas com as quais se comparece aos *meetings* do FMI fosse nada.

Pergunto-me, Ministro EVANDRO, se temos ainda legitimidade para saudá-lo.

E, ainda que responda afirmativamente a essa questão, faço-o lembrando os versos de BRECHT. Contando aos que vão nascer os

tempos sombrios, quando andávamos trocando de países como de sandálias, através da luta de classe, desesperançados porque havia só injustiça e nenhuma revolta, BRECHT conclui rogando¹¹:

“Mas vocês, quando chegar o momento

Do homem ser parceiro do homem

Pensem em nós

Com simpatia”.

É o quanto rogamos, muita simpatia e boa-vontade especialmente conosco, artífices do direito.

É bem certo que o direito moderno supõe a distinção entre *posto* e *pressuposto*, entre *lex* e *ius*, e a ética adotada para reger as relações por ele reguladas é a ética da legalidade, nem sempre caroável.

É verdade, a sociedade inúmeras vezes clama por “justiça”, conduzida pela emoção que radicaliza e pune sem julgar. Mais criminosa, mais tenebrosa do que o próprio delinquente.

¹¹ *Aos que vão nascer*, in Brecht --- Poemas --- 1913-1956, seleção e tradução de Paulo Cesar de Souza, Editora Brasiliense, 1.986, São Paulo, págs. 214-216.

O exemplo expresso em palavras e atos do Ministro EVANDRO nos faz curar da justiça fundada no direito, única trilha que prepara a coesão social, comprometida com as liberdades. Aquelas outras, fundadas em valores não normatizados ou em exemplos virtuosos, conduzem aos piores descaminhos, à sanha popular, aos linchamentos, aos campos de concentração.

Sim, é extremamente delicado o ofício do operador do direito. Pois o fato é que, como diz o Ministro EVANDRO¹², “na interpretação é que se faz justiça” e, sabemos, o universal é irreduzível ao concreto --- a idéia é quase nunca conciliável com a realidade.

Em 1.612, discorrendo sobre a relação estabelecida entre *ius* e lei¹³, o padre FRANCISCO SUÁREZ, aquele que --- na palavras de RUY¹⁴ --- “encarna todo o saber da renascença teológica”, observa que o justo compreende duas classes¹⁵.

¹² O salão dos passos perdidos, cit., pág. 499.

¹³ Tratado de las leyes y de Dios legislador, tradução ao castelhano por Jaime Torrubiano Ripoll, Hijos de Reus, Madrid, 1.918, tomo I, págs. 31 e ss.

¹⁴ Oração aos moços, Casa de Ruy Barbosa, 1.949, pág. 38.

¹⁵ Ob. cit., pág. 40.

Um, natural, que é o reto segundo a razão natural --- este jamais falta, se a razão não erra.

Outro, o justo legal, ou seja, o que é constituído pela lei humana e, embora no geral seja justo, costuma falhar no particular --- mas nem por isso a lei é injusta, porque é necessário que ela seja geral e a culpa, como diz ARISTÓTELES, não procede do legislador, mas da natureza das coisas; assim é porque, em razão de sua própria essência, a matéria das coisas da ordem prática reveste-se de caráter de irregularidade.

Daí podermos afirmar que há, além de uma equidade natural --- que corresponde à justiça natural e não atua como emenda do direito, porém como sua origem ou regra --- uma equidade como prudente moderação da lei escrita, no sentido de que opera a redução do geral ao particular.

Isso ensina EVANDRO¹⁶ em sua trajetória de artífice do direito, advogado e juiz: “O excesso de direito é a injustiça”; “A justiça não deve encontrar o empecilho da lei”.

¹⁶ O salão dos passos perdidos, cit., pág. 499.

E tanto ensina porque tanto apreendeu ao longo dessa trajetória, plenamente consciente --- recorro a uma metáfora de COSSIO¹⁷ --- plenamente consciente de que o intelecto não é como o olho que se limita a ver as coisas, mas sim como a mão que toma um pouco de argila e, ao tomá-la, nela imprime a forma dos dedos.

Ensina que a justiça somente pode ser realizada no plano do particular, do caso a caso.

Dele, a frase lapidar, que tudo sintetiza: “a minha defesa é isto, é o fato particular”¹⁸.

O pensamento tradicional sustenta que o direito é dotado de uma universalidade plena [ele é abstrato e geral], na qual não cabem exceções. Mas é precisamente o inverso disso o que se dá. A inserção do direito no mundo da vida, mediante a sua interpretação/aplicação, opera-se em plano que não se pode particularizar senão mediante a exceção, caso a caso.

¹⁷ La plenitud del orden jurídico y la interpretación judicial de la ley, Editorial Losada, Buenos Aires, 1.939, págs. 41-42.

¹⁸ O salão dos passos perdidos, cit., pág. 431.

A interpretação --- que é interpretação/aplicação --- vai do universal ao particular, do transcendente ao contingente; opera a inserção do direito no mundo da vida.

Mas o exemplo de vida do Ministro EVANDRO mostra, ainda, que interpretar/aplicar os textos com legitimidade é moldar a norma no interesse da justiça e não no dos poderosos --- “lá vão leis para onde querem os reis”¹⁹.

É formidável, realmente estupendo!

As marcas dos dedos do homem probo, digno, honrado ficam em todas as suas obras. E mais, bem mais marcadas do que as digitais dos súcubos, dos servis, dos lambe-botas, contraditórias por onde quer que esses pobres-diabos passem...

As lições de EVANDRO --- Ministro: permita-me dizer-lhe que, em sua ausência, é ao “EVANDRO” (não ao “Ministro EVANDRO”) que nos referimos, porque assim nos referimos aos Amigos mais queridos

¹⁹ Vide JOÃO RIBEIRO, Frazes feitas, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1.908, pág. 135.

--- as lições de EVANDRO, dizia eu, ensinam o que os conservadores, mas também alguns falsos progressistas, não admitem ouvir.

Ensinam que a neutralidade política do intérprete só existe nos livros: "Ninguém pode deixar de colocar nos seus gestos, nas suas atitudes, os seus pensamentos, as suas convicções políticas. Seja escrevendo um artigo de jornal, seja dando um voto no Supremo Tribunal Federal, a pessoa externa uma posição política"²⁰; "Todos os votos são políticos", ainda que o conteúdo político não deva ser político-partidário²¹; nos processos de direito público, por mais que o juiz "queira ser exclusivamente jurídico, não o será nunca. Há um componente, há um tempero político na formação da sua convicção"²².

Ensinam da força do Supremo Tribunal Federal como intérprete da Constituição. Porque --- continuo a reproduzir palavras de EVANDRO --- "Não é só o que está na Constituição que vale; vale também tudo aquilo que complementa, que é indispensável para o funcionamento do país, de acordo com a Constituição. Além do texto

²⁰ O salão dos passos perdidos, cit., págs. 377-378.

²¹ O salão dos passos perdidos, cit., págs. 387-388.

²² O salão dos passos perdidos, cit., pág. 479.

expresso da lei, há o texto implícito da Constituição, que deve ser cumprido”.

Ensinam da supremacia do Supremo Tribunal Federal em relação aos outros Poderes. “É ele que julga a inconstitucionalidade das leis, portanto, julga o Legislativo; é ele que julga os atos e os crimes do Poder Executivo, portanto, julga os dois outros poderes. (...) Acho que, se ao Supremo incumbe julgar os atos dos outros poderes, ele fica com uma inegável supremacia”²³.

Isso, no entanto, EVANDRO ensina sem deixar de observar, incisivamente, que o STF, durante a ditadura militar, “não era o Supremo Tribunal Federal funcionando”, mas um tribunal ordinário²⁴.

Serenas e graves são as lições de EVANDRO, seja na defesa das liberdades, seja na condenação das súmulas vinculantes e da privatização das prisões²⁵.

²³ O salão dos passos perdidos, cit., págs. 483-484.

²⁴ O salão dos passos perdidos, cit., pág. 408.

²⁵ Arca de guardados, cit., págs. 231 e ss.

Coerência absoluta e compromisso pleno com a Constituição, que --- lembro a eloqüência de ROBESPIERRE²⁶ --- tal como os templos dos deuses não são feitos para servir de asilo aos sacrílegos, não é feita para proteger os complôs dos tiranos que procuram destruí-la.

Em determinado momento, n' O salão dos passos perdidos²⁷, diz o nosso Ministro EVANDRO: "Apesar de velho, tenho um pensamento muito liberal, não é?".

Estou aqui para desmenti-lo...

Ei-lo aí, jovem.

Não, jovem não.

Porque EVANDRO é como o direito, não envelhece, nem permanece jovem. É contemporâneo à realidade. O direito é um dinamismo. E assim é EVANDRO, um dinamismo.

O tempo, não obstante, destila prudência. Assim, ao mesmo tempo em que permanece jovem, por ser contemporâneo à realidade,

²⁶ Discursos e relatórios na Convenção, trad. de Maria Helena Franco Martins, Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 1.999, pág. 131.

²⁷ Ob. cit., pág. 217.

EVANDRO colhe as virtudes da passagem do tempo, especialmente esta, a prudência, que redistribui, generosamente, em palavras, gestos, atitudes.

Quando o tempo passar e eu mesmo --- isso talvez possa ocorrer --- alcançar os noventa anos, então, relembrando os momentos mais suaves de minha vida, contarei ao filho do meu neto [quem sabe?] que hoje à noite saudei um jovem meu Amigo, exemplo maior, no meu tempo, de dignidade e honradez, seja como jurista, seja como juiz, seja como advogado.

Chego ao fim, como diz ele, o Ministro EVANDRO, “antes que me apodem de prolixo”²⁸.

O Ministro EVANDRO, um mestre da persuasão, artista de linhas puras no manejo das palavras. Como eu gostaria de poder ser, agora.

O Ministro EVANDRO, para quem, então, também as procurando manejar, em testemunho de amizade fraternal, assim

²⁸ Arca de guardados, cit., pág. 280.

como se lhe oferecesse uma flor, decompõem a palavra “maravilha” em “mar”, “ave” e “ilha”.